

A ANCESTRALIDADE E A TRADICIONALIDADE DO POVO BISSAU-GUINEENSE NA OBRA “SONNÉÁ HISTÓRIAS E PASSADAS QUE OUVI CONTAR I” DE ODETE SEMEDO¹

Bárbara Cristina Mercês dos Santos²

RESUMO

A literatura tem sido fundamental para compreensão do passado e do presente, para além de indicar o futuro. Os escritores da África lusófona têm conseguido mostrar a *tradicionalidade* e a *ancestralidade*, buscando firmar esse lugar na sociedade moderna. A tradicionalidade significa caráter ou qualidade de tradicional, daquilo que está pautado na tradição, nos costumes, enquanto que *ancestralidade*, baseia-se naquilo que se herdou das gerações anteriores e em tudo o que é hereditário ou com caráter tradicional, que está pautado na tradição, nos costumes. Nesta pesquisa objetiva-se debater a ancestralidade e tradicionalidade dos povos africanos por meio da produção africana literária pós-colonialista, a qual traz uma escrita que vai contra as ideologias impostas pelo sistema colonial, que durante muito tempo subverteu a ordem da vida e cultura africana. Na metodologia, fez-se leitura, análise, interpretação e identificação desses traços na obra “Sonnéá histórias e passadas que ouvi contar I” da escritora bissau-guineense Odete Semedo. Foi possível buscar e compreender como a tradicionalidade e ancestralidade se manifestam na sua obra. Foi possível reativar com esta obra o imaginário da cultura e das tradições africanas, o que levou a concluir que esta obra é uma ferramenta importante para os debates sobre a Lei nº 10639/2003, que é uma recomendação das Leis de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira. Debater esta obra de Odete Semedo com alunos do ensino médio se faz importante para que estes redescubram que há um preconceito racial imposto, bem como passem a valorizar as questões de identidade sociocultural nos estudos da literatura afro-brasileira.

Palavras-chave: Identidade social na literatura. Literatura guineense. Sonnéá histórias e passadas que ouvir contar I - Crítica e interpretação. Tradição oral na literatura.

ABSTRACT

Literature has been fundamental for understanding the past and the present, in addition to indicating the future. The writers of Lusophone Africa have managed to show traditionality and ancestry, seeking to establish this place in modern society. Traditionality means the character or quality of traditional, of what is based on tradition, customs, while ancestry is based on what was inherited from previous generations and on everything that is hereditary or with a traditional character, which is based on tradition, in customs. This research aims to discuss the ancestry and traditionality of African peoples through post-colonialist African literary production, which brings a writing that goes against the ideologies imposed by the colonial system, which for a long time had subverted the order of African life and culture. In the methodology, reading, analysis, interpretation and identification of these traits were carried out in the work "Sonnéá stories and pasts that I heard about I" by the Bissau-Guinean writer Odete Semedo. It was possible to seek and understand how traditionality and ancestry are manifested in her work. It was possible to reactivate the imagery of African culture and traditions with this work, which led to the conclusion that this work is an important tool for debates on Law nº 10639/2003, which is a recommendation of the Laws of Directives and Bases of the Brazilian Education. Debating this work by Odete Semedo with high school students is important for them to rediscover that there is racial prejudice imposed, as well as to begin to value issues of sociocultural identity in the studies of Afro-Brazilian literature.

Keywords: Guinean literature. Oral tradition in literature. Social identity in literature. Sonnéá histórias e passadas que ouvir contar I - Criticism and interpretation.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Especialização Interdisciplinar em Literatura Africana de Língua Portuguesa, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), sob a orientação do Prof. Dr. Alexandre Antônio Timbane.

² Especialista em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e interdisciplinaridades, pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira e Universidade Aberta do Brasil. Pólo São Francisco do Conde. Bahia, Brasil.

1 INTRODUÇÃO

A Guiné-Bissau é um país africano situado na costa Ocidental do continente fazendo fronteira com dois países nas três províncias norte leste e sul: ao Norte fica Senegal, Leste e Sul faz limite com a República da Guiné (Guiné-Conacri). Na costa Ocidental é banhada pelo Oceano Atlântico. Além da Zona continental a Guiné-Bissau, também, possui a zona costeira composta por arquipélago de Bijagos que conta com cerca de 80 ilhas. (COUTO, EMBALO, 2010, p.225). Na Guiné-Bissau falam-se cerca de quinze (15) línguas, algumas utilizadas no âmbito religioso (árabe) outras de comércio (kriol guineense) e outras fomentadas pela política lingüística como o português, francês e inglês. O crioulo funciona como uma língua franca, além de ser língua nativa e/ou materna de muitas pessoas. Embora a Constituição da República da Guiné-Bissau não fale nada sobre línguas, sabe-se que o português é a única língua oficial.

Os conhecimentos dos povos bantu residentes na Guiné-Bissau são transmitidos de geração em geração por meio da oralidade. As línguas das narrações são o kriol (o guineense) e as diversas línguas bantu. A escrita em língua portuguesa é recente e teve maior ênfase no período pós-colonial. Nas tradições guineenses todo autor pode ser autor de contos e de estórias. Em volta da fogueira, os mais velhos criam e recriam histórias, lendas para contar aos mais novos. Por meio dessas histórias orais é possível transmitir os saberes locais. Aliás, o kriol e as línguas bantu são línguas oficiais dos ritos de iniciação e das culturas locais. São línguas de poder, da ciência local e da transmissão das regras de ser e de estar em sociedade. Os líderes locais (os régulos) incentivam o uso dessas línguas dentro da etnia, desta forma essas línguas se preservam e passam a ter a manutenção necessária para sua revitalização.

Há uma diferença entre a oratura e a literatura. A literatura, segundo Timbane (2017) é a arte de compor e expor escritos artísticos. Por isso que “o conceito de literatura é multifacetado e está condicionado à linha teórica adotada pelos estudiosos da literatura” (VIEIRA, 2008, p.456). A escola exige a literatura e não a oratura. A criança domina a oratura e a literatura se torna algo novo. A leitura coloca muito alunos moçambicanos em desânimo porque “a língua” de casa é diferente da língua da escola, e conseqüentemente, da literatura. O aluno que não tem domínio do português é fraco na leitura e nas restantes disciplinas curriculares ministradas em português” (TIMBANE, 2017, p.118).

Couto e Embalo (2010) dividem a literatura bissau-guineense em três fases: a primeira se refere ao ‘período colonial’, a segunda, o ‘período da luta pela independência’ (1962 a 1973), o terceiro o período pós-independência (de 1973 até atual). A prosa literária

escrita por guineenses sobre temática africana, e não apenas guineense, só começa no final da década de oitenta até meados da de noventa (Couto e Embalo, 2010, p.78). Em um outro estudo de 2004, Embaló (2004),

divide a literatura da Guiné Bissau em quatro fases, distribuindo-as de seguinte modo: a primeira fase corresponde as produções feitas de 1945 para trás; e a segunda fase começa em 1945 até a 1970. Logo, a terceira compreende o período entre 1970 a 1980. Por fim, a última fase abrange finais da década de 1980 e princípio da década de 1990 até aos nossos dias (EMBALO, 2004).

Estas periodizações não são lineares e dependem de pesquisador para pesquisador. O importante é saber que existe um período antes e depois da independência em 1973. Desta forma, “quando se fala em literatura bissau-guineense, em geral se pensa apenas em literatura em língua portuguesa, apesar de mesmo nesse domínio já ter sido dito que a Guiné-Bissau era um “espaço vazio” no que tange à literatura.” (Couto e Embalo, 2010, p.83). É preciso compreender que há inúmeras oraturas e literaturas escritas e oralizadas em língua kriol (o guineense), em língua balanta, língua papel, língua manjaco, língua mandinga, língua mancanha, língua fula entre outras. Deve-se lembrar que estas línguas têm dialetos e variedades a depender da região da Guiné-Bissau.

A língua guineense, ou melhor, “a língua kriol quebra qualquer barreira que possa impossibilitar a comunicação entre as diversas etnias que coabitam naquele território, portanto, por meio da manifestação cultural e identitária guineense exercida em kriol, faz com que toda a população de Guiné-Bissau viva em união” (INTIPE, 2021, p.131). A diversidade linguística jamais fora um problema social ou político, no que tange às relações de convivência ou mesmo de diversidade existentes dentro a população, no entanto, sabe-se que a língua é uma forma de resistência, de manutenção de forças e poder, de buscar não se render. Assim é que nesse contexto diversificado, cada língua é usada em situações próprias e estabelecidas pela política linguística dos sujeitos do local.

Esta pesquisa visa analisar a tradicionalidade e ancestralidade na cultura Bissau-guineense e em especial na obra “Sonnéá histórias e passadas que ouvi contar I” da escritora guineense Odete Semedo. Odete Semedo é uma poetisa guineense, contista, política e professora universitária. Nasceu na capital, Bissau em 1959 tendo tido a sorte em estudar, pois nessa época poucos Bissau guineenses tinham essa oportunidade.

Hoje atua em postos mais importantes (investigadora, Diretora, Doutora), o que é também raro numa sociedade racista e que a mulher sempre é colocada em último plano. Semedo ultrapassou as barreiras e realizou os anseios que muitas mulheres Bissau guineenses

gostariam de atingir. A mesma traduziu o filme “olhos azuis de Yonta” para o kriol guineense, o que contradiz a tendência atual, ajudando assim a fortalecer uma política linguística importante que objetiva valorizar a língua africana, a língua franca dos guineenses, o guineense, e que deveria ser vista como um caminho de valorização lingüística e cultural.

Odete Semedo participou da “Antologia de literatura francófona da África Ocidental” organizado por Jean Louis Joubert. Escreveu “*Entre o Ser e o amar*” (1996), “*No fundo do canto*” (2003 e reedição 2007) “*Sonnéá histórias e passadas que ouvi contar I*” e “*Sonnéá histórias e passadas que ouvi contar II*” (2002), “*Guiné Bissau: história, culturas, sociedade e literatura*” (2010). Em 2003, Odete recebeu o título de personalidade que contribuiu para o desenvolvimento global da Guiné-Bissau.

Assim, na primeira seção deste artigo traz-se-á questões da cultura, modos de ser e estar em sociedade e sua relação com as tradições africanas. Sabe-se que a cultura precisa da oralidade para que seja transmitida e no contexto da Guiné-Bissau, a transmissão dos saberes é feita por meio da oralidade. Essa oralidade se manifesta em diversas línguas locais de origem africana. Na segunda seção faz-se reflexões sobre tradicionalidade e ancestralidade. Procurar-se-á distinguir os dois mostrando as relações entre os dois conceitos. É por meio da ancestralidade que o ser humano busca a sua identidade e suas origens, buscando assim compreender o presente. A terceira seção se dedica a cultura literária na África lusófona. Traremos reflexões sobre a cultura literária que é fundamental no desenvolvimento da arte literária e do letramento literário. Na quarta seção desse trabalho, fala-se da Lei nº 10.639/2003 para compreender como podemos aproveitá-la na educação brasileira. Em seguida, o artigo apresenta a metodologia e análises na obra da Odete Semedo, para depois tecer considerações finais.

2 A CULTURA E AS TRADIÇÕES AFRICANAS: ORATURA X LITERATURA

A cultura “é o conjunto de práticas, de técnicas, de símbolos e de valores que são transmitidos às novas gerações para garantir a convivência social” (ANDRADE, TIMBANE, 2019, p.82). A cultura evolui, muda à medida que a sociedade se transforma. As mudanças podem ser internas impulsionadas por causas externas. Sabe-se que a África é o berço da humanidade e conseqüentemente, o berço de todas as culturas. E as sociedades procuram sempre se adaptar para a sobrevivência social. Os povos bantu que são objeto do presente

estudo são povos de tradição oral, valorizando a palavra dita como fundamento para a compreensão do mundo.

Para interpretar uma obra de Agualusa, de Mia Couto ou de Odete Semedo é preciso compreender um pouco da cultura desses escritores, porque os subentendidos ficam escondidos nas entrelinhas. As traduções ou adequações das editoras não são suficientes para decifrar esses elementos culturais. Mesmo o glossário, não resolve tudo, porque a cultura do autor não é algo visível, mas sim abstrato podendo ser entendido e interpretado pelos membros que compartilham a cultura.

As tradições africanas são diversas e complexas e cada etnia possui a sua língua que carrega nuances próprias da cultura, por isso conhecer essas peculiaridades ajuda a compreender os significados que as palavras carregam nessa língua. Numa pesquisa sobre “Contributo para o debate sobre o registro de textos da tradição oral”, Semedo (2005; 2011) esta debate as peculiaridades das relações entre a língua e a cultura guineenses. Semedo mostra que a língua portuguesa e o guineense (kriol) “são relevantes para a oratura ou tradição oral e para o desenvolvimento e divulgação da literatura guineense” (SEMEDO, 2005, p.75). Neste artigo, Semedo levanta a problemática do registro da oratura guineense, deixando claro que o guineense e as línguas autóctones são meios de “expressão originária da cultura africana e meio de comunicação fundamental para as populações”. (SEMEDO, 2005, p.72).

A valorização da oralidade do guineense é citada por Augel (2006) quando aponta o poder que a oratura tem naqueles grupos étnicos. Uma unidade lexical como *djunbai* é um termo do guineense que significa “convívio” e carrega elementos da memória coletiva guineense em suas tradições, em sua filosofia. Outros autores que debatem a oratura são Intipe e Timbane (2019). Definem por oratura, o conjunto das obras sem autoria que são criadas e difundidas por anônimos oralmente e que servem de instrumentos de educação cívica e moral dos grupos sociais.

Nunes (2009, p.35) organiza essas oraturas em “três grandes gêneros: a) formas e jogos de língua (provérbios, ditos, adivinhas, orações, lengalengas, etc.), b) formas narrativas (contos, lendas e mitos), c) formas dramáticas e musicais (teatro popular, cantigas e romances)”. Intipe e Timbane (2019, p.44) descrevem que

a mandjuandadi também é uma das narrativas importantes. as mulheres expressam sentimentos a partir da mandjuandandi, já que se trata de uma manifestação cultural e originalmente feminina. ao longo dos tempos passou a praticada pelos homens, mas sem perder a sua essência e valor cultural. a mulher tem poder, tem sentimento e tem desejos que são expressos pela dança e pelo canto como partes integrantes da narrativa.

A oratura não tem autoria e suas características contrariam os princípios da literatura, no qual cada escritor se identifica nominalmente e assume os textos criados. Enquanto a oratura possui caráter popular exigindo a presença física dos ouvintes, a literatura atinge público distante e seus leitores não são previsíveis, nem o gênero nem a faixa etária (TIMBANE, 2018). Na Guiné-Bissau, as canções populares e dos diversos grupos musicais (organizadores em bandas/conjuntos musicais) contribuíram para a difusão do “pensamento nacionalista” e da necessidade de luta de libertação. O Grupo musical Cobiana Djazz contribuiu na difusão dessa luta fazendo com que haja um espírito patriótico para que haja participação massiva na construção da nação guineense (INTIPE, TIMBANE, 2019, p.44). Segundo Couto e Embaló (2010, p.234), “é fundamentalmente oral, fruto da própria história do país que gerou uma situação pouco ou nada propícia a que a escrita possa ganhar o lugar que lhe cabe na cultura nacional.”

O texto oral e o texto escrito caminham com objetivos comuns, mas cada um atendendo uma realidade sociocultural. O impacto de cada um depende da forma como essa sociedade está formada, seja formada pela tradição escrita ou oral. Não existe desnível entre os dois, quer dizer, não existe uma melhor que a outra. A formação do ser humano está na fonte da criação destas obras.

2.1 REFLEXÕES SOBRE A TRADICIONALIDADE E ANCESTRALIDADE

O dicionário Houaiss (2009) define tradição “ato ou efeito de transmitir ou entregar; transferência; comunicação oral de fatos, lendas, ritos, usos, costumes, etc. de geração para geração.” Já a tradicionalidade é “qualidade, caráter ou condição do que é tradicional” (HOUAISS, 2009, p.1863). O mesmo dicionário define “ancestral”, tudo o que é “relativo ou próprio dos antepassados ou antecessores, que vem dos avós ou dos antepassados”. A ancestralidade é a qualidade do ancestral, legados de antepassados, atavismo, hereditareidade (HOUAISS, 2009, p. 128). Sabendo da relevância da tradicionalidade para as sociedades bantu é possível compreender as atitudes que circundam essa cultura. A tradicionalidade lhes parece uma religião, uma forma de conceber o mundo que se circunda, sendo a oralidade o principal meio de transmissão. A relevância do “mais velho” ou da “mais velha” se torna crucial pelo fato de ser a biblioteca viva. Uma biblioteca ambulante, circulante que se mostra disponível para ensinar, para transmitir, para oferecer os saberes ancestrais aprendidos gratuitamente. Portanto, a hierarquia por idade se torna fundamental nas sociedades bantu,

pelo fato de ser o instrumento medidor, disciplinador e de justiça social pelo qual a educação tradicional está organizada, e a sociedade também.

Não é por acaso que os escritores guineenses incluem nos seus discursos, a cosmovisão tradicional, isto é, a forma como a cultura concebe o mundo, as suas crenças e rituais próprios de cada etnia. Para Leite, “o tema da educação, o futuro dos jovens, o peso das tradições culturais com os seus rituais, os heróis nacionais e os sabores da Guiné-Bissau” (LEITE, 2014, p.240) buscam o tempo tecer uma relação entre a ancestralidade e a tradicionalidade. Não é possível redigir uma obra literária sem que tenha alguns resquícios da cultura do escritor.

A busca permanente pela ancestralidade não ocorre por acaso na obras dos escritores bissau-guineenses, advém de certa aprendizagem que ocorre desde a tenra idade, conforme se falou anteriormente, a criança já nasce com uma tarefa. Os ritos de iniciação constituem uma autêntica escola da formação e transmissão da tradicionalidade e da ancestralidade. No rito se aprende a oratura que acompanha os cânticos, a música, o uso de instrumentos musicais, o domínio de todas as técnicas possíveis dentro da etnia.

Por outro lado, a literatura em língua portuguesa é acompanhada da conscientização da emergência da nação. Ela está a par dos que “lutaram contra o colonialismo português e continua muito presa ainda à referência histórica guineense do período que antecedeu a independência e, mais recente, da pós-independência” (LEITE, 2014, p.1). Terminamos esta seção apontando que a ancestralidade e a tradicionalidade são fundamentais para a formação das identidades socioculturais dos sujeitos, e observa-se a relevância da oratura como meio fundamental para a transmissão desses valores socioculturais. Uma estória não é contada por acaso, tem uma finalidade sociocultural e política por trás, assim como um provérbio também, por exemplo. Há uma íntima ligação com a tradição e a ancestralidade. Todas as literaturas Bissau-guineenses estão entremeadas de ideias da ancestralidade e da tradicionalidade podendo ser identificadas a medida que se lê e se descobre a cultura do escritor, enquanto Ser pertencente a uma determinada cultura, etnia.

3 A CULTURA LITERÁRIA NA ÁFRICA LUSÓFONA

De acordo com Leite, “o uso da língua do colonizador, neste caso, do português, aparece com uma dupla função - social e universalizante - onde o sujeito, o guineense, a reinventa, tornando-a um veículo de estatuto e mudanças sociais.” (LEITE, 2014, p.1).

Como argumento histórico, as cantigas têm um viés de tradição oral muito forte, e que exprimiam as situações vividas naquele momento, na sociedade guineense. Nas cantigas ainda existe um viés que conversa sobre temas como homem e natureza, como também todo o entorno que compõe a vida desse homem, o que acaba por intensificar os usos das metáforas nas ditas cantigas Odete Semedo, em seu poema “*Sons que se fizeram ouvir*”, constante no livro *No Fundo do Canto*, faz referência a sua tese, citando o nome da mesma em determinada passagem do poema: “... à espera de palmas para responder às cantigas de *mandjuandadi*...” assim como faz menção ao momento histórico vivido, lembrando como nas cantigas, os operadores de discurso, para exemplificar de maneira escrita uma situação de oralidade.

As literaturas dos PALOP ofereceram resistência não apenas ao sistema colonial, já oficialmente expurgado, mas também ao sistema interno excludente, em seus discursos e em suas demandas sociais. A literatura tem despertado a luta pela democracia e pelos direitos em vários países. Diniz designa essas literaturas por “literaturas duplamente excluídas”, pois além de ocupar “um espaço periférico no plano econômico global, há também os sistemas de exclusão internos que afetam a maior parte da população, uma massa composta, em sua maioria, por camponeses e habitantes das periferias dos centros urbanos” (Diniz, 2021, p.70).

Muitos escritores africanos escrevem em língua portuguesa justamente para obter visibilidade nacional e internacionalmente. De acordo com Gomes, a língua portuguesa proporciona ganho de prestígio e a obra é lida em vários países da lusofonia. Os escritores africanos ao fazerem o uso de português “efetua as recriações, neologismos, corrompendo a norma consagrada, melhor culta. Isso implica, de alguma forma, a contestação da dominação linguística e a apropriação desse legado do colonizador deixado ao colonizado (GOMES, 2019, s.p.).

Quando se fala de moçambicanismos, anglanismos se refere a esse uso particular e peculiar do português e demonstra o pertencimento da variedade. Há que considerar que,

a literatura africana demonstrou dificuldades em ser consumida nos seus países de origem, necessitando buscar mercados no exterior, de língua portuguesa, para legitimar-se e permitir uma sustentabilidade econômica. Porém, é possível localizar nas canções de protesto enquanto manifestações legítimas de ideais presentes na literatura, tornando-se acessíveis para a população geral local a partir de sua característica oral (SILVA, 2021, p.378).

Santana (2015) deixa clara a ideia de que as lutas pela independência e sua concretização em muitos países do continente africano devem muito às narrativas literárias. Agostinho Neto e José Luandino Vieira, em Angola, Noémia de Sousa e Marcelino dos

Santos em Moçambique, Juvenal Cabral e João Augusto Silva na Guiné-Bissau escreviam os seus textos como “armas de luta” contra o sistema colonial, para além de despertar a consciência da luta pela independência. Vale retomar os debates de Intipe e Timbane (2019) quando afirmam que a identidade do povo guineense está ligada à língua *kriol* que simbolicamente possui uma representatividade em termos socioculturais. De acordo com os mesmos autores, as narrativas guineenses são de grande importância tanto na aprendizagem da cultura quanto na difusão do *kriol* como língua franca entre os guineenses.

Os poemas têm uma função social de serem meios de aprendizagem da cultura e da formação da identidade guineenses. Desta forma, o uso de provérbios em poemas e em canções populares revela a ligação entre a língua e a cultura guineenses. Alguns provérbios provém das línguas étnicas e se juntam na língua da identidade, o *kriol*. (INTIPE, TIMBANE, 2019, p.47).

Odete Semedo procura reativar essa escrita que por muito tempo fora sobrepujada por uma imposição de uma língua escrita e falada, nesse caso a dos povos colonizadores, reacendendo em seus escritos uma linguagem que busca ultrapassar as barreiras impostas por uma demarcação de língua escrita e falada, advinda do sistema colonial que era vigente, e que se apresentou como oficial, em detrimento da língua que já existia. Outros, além de Semedo, também buscam uma produção literária pós-colonialista, a qual traz uma escrita que vai contra as ideologias impostas pelo sistema colonial, que durante muito tempo subvertera a ordem da vida e cultura das pessoas nesses locais.

4 PENSANDO A LITERATURA E A LEI ° 10.639/2003

A Lei nº 10.639/2003 altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 e estabelece que “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.”

A questão da Lei nº 10.639/2003 nos leva a refletir sobre a “memória coletiva” discutida com pormenor por Domingos e José (2017). A formação do povo brasileiro se liga à História da colonização, da exploração e escravização. Essas experiências foram negativas, mas por outro lado, formaram o “povo brasileiro”. As lembranças, segundo Domingos e José(2017) podem ser individuais ou grupais e “podem ser reforçadas pelos lugares de memória”, o que se pode concluir que uma narrativa contribui na construção da identidade sociocultural e linguística, recorrendo aos dados da memória coletiva.

Pensando na Lei nº 10.639/2003 que busca identidade brasileira, compreender o passado para compreender o presente e perspectivar o futuro, trouxemos como exemplo a pesquisa de Saraiva (2017). No artigo “O luso, o trópico e o cão tihoso nas revelações literárias de Honwana”, Saraiva identifica traços da memória na obra “*Nós matamos o cão tihoso*” de Honwama. A luta contra o colonialismo está presente na obra e carrega lembranças históricas que visam à libertação, mas que hoje as mesmas palavras são usadas para o modo de vida atual. O valor semântico da palavra “cão” e do adjetivo “tihoso” carrega elementos semânticos muito profundos na cultura moçambicana.

Por isso, ao trazermos o texto de Honwana em sala de aula no Brasil estaríamos trazendo a História e cultura moçambicana. Saraiva afirma que “os contos de Luís Bernardo Honwana, que tem sido amplamente reconhecido fora da África como um mestre nesta arte, levam o leitor a fazer as mesmas denúncias através de uma análise perceptiva e detalhada do comportamento humano” (SARAIVA, 2017, p.150). A literatura como elemento artístico, permite ao escritor representar o seu mundo. A sua eficácia depende da capacidade de mensuração da realidade que o prosador ou poeta possui (GOMES, 2019, s.p.).

No que tange a lei e a sua correlação com a obra de Odete Semedo, lei esta então assinada pelo Presidente da República, Luís Inácio da Silva, em 09 de janeiro de 2003 e que possibilitou ser obrigatório nas escolas do Brasil o ensino da Literatura africana de língua portuguesa e afrobrasileira, como já foi citado acima, correlaciona-se com Semedo, no sentido de que os conteúdos dados em sala de aula que versem sobre essa temática, trazem contextos que permeiam o fazer literário de Semedo, podendo assim as obras desta serem trazidas ao conhecimento desses alunos, como meio de conhecimento e compreensão de uma literatura que fora por muito tempo injustiçada histórica e educacionalmente. Através obras de Semedo, o docente pode ter as bases necessárias para conseguir exemplificar contextos que até então eram desconhecidos pelos alunos que além de serem enriquecedores podem prover um meio de acrescentar novos saberes a esses os alunos, bem como vir a tecer similitudes entre o contexto brasileiro e o africano.

5 METODOLOGIA E ANÁLISE: A OBRA DA ODETE SEMEDO

Nesta parte analisaremos os traços da ancestralidade e da tradicionalidade dos povos africanos, em especial do povo bissau-guineense, na obra *Sonéá* de Odete Semedo”. Trata-se de uma obra publicada em 2000 que teve o prefácio escrito por Moema Parente Augel. É uma obra produzida com apoio da ASDI e Radda Barnen. No livro, a autora dedica a obra aos irmãos, ao Júlio Barreto e a Constantina Costa. Em 153 páginas, o livro revela a cultura e as práticas linguísticas e tradicionais dos guineenses, e já na nota introdutória a autora escreve:

História e passadas que ouvi contar I e II são histórias, algumas delas inspiradas em histórias tradicionais que muitos de nós tivemos o privilégio de ouvir em criança; umas basearam-se em piadas, ditos ou provérbios escutados aqui e ali (*nos djunbai* em Cacheu, Bolama e algures em Geba nas noites das cerimônias de rua garandi e de *ialsa stéra di tchur*), às quais banhei de alguma fantasia. (SEMEDO, 2000, p.19)

Esta nota mostra como a ancestralidade e a tradicionalidade sempre direcionam o fazer, a arte literária. O livro é composto por quatro partes: (I) Os dois amigos (p.23-30); (II) A morte do filho do régulo Niala (p.31-58); (III) *Sonéá* (p.59-106); (IV) *Kunfentu stória da boa nova* (p.107-122), (V) *Kriston Matchu* (p.123-143). Os nomes das cerimônias (*fanadu di matchu*: cerimônia circuncisão), os nomes das pessoas (*Nantói*, *Sonéá*, *Butokan*), os nomes dos lugares, de plantas (*lakakon*: erva trepadeira cuja fibra é usada para fazer barbante; *nkeklet*: planta aquática) e de animais (*bída*: cobra cuspideira; *djambas*: ave) marcam uma identidade própria dos bissau-guineenses. Assim como a Cultura (*sikó*: dança ao som de instrumentos de percussão; *seuró*: dança mandinga ao som de instrumentos de percussão; *sarbadém*: dança ao sob da percussão). No livro há uma marca forte da língua kriol (guineense), uma língua franca comum entre guineenses de diferentes etnias.

Para melhor esclarecer, citando Semedo (2000, p.63) esta escreve no conto que dá nome a este trabalho, *Sonéá*: “Estou a organizar as coisas que devemos levar. E tu deves preparar os *panos de pente* para lewares como é teu dever.” Neste trecho podemos observar, no diálogo entre mãe e filha, o uso de expressões que remetem a oralidade tradicional na escrita literária Bissau-guineense. Esse trecho, assim como outros em toda esta obra de Semedo, nos leva a perceber como a linguagem tradicional não se perde, ao menos nessas produções literárias. A escritora faz um movimento de sincronia e diacronia nos textos que formam o livro, conversando com o passado e com a atualidade, de maneira que enriquece seu fazer literário apresentado uma escrita de resgate ao tradicionalismo africano “De *klandó* em *klandó*, o

irmão que veio de longe explicava e reexplicava. De *bantabá* em *bantabá* repetia, ora com um pormenor a menos, ora com um pontinho a mais. Os *nbetennenses* ouviam, cada um com seus dois ouvidos que um dia a *baga-baga* haveria de comer”.(SEMEDO, 2000. p. 109).

Assim fica perceptível em todo esse livro de contos de Semedo, uma resistência ao escrever oficial, imposto, bem como uma clara atitude de quem domina a língua real do seu povo, bem como suas complexidades e significados, e que sabe como pode ser enriquecedor para as gerações futuras terem reavivados esse conhecimento acerca de sua própria língua, representante mais forte de qualquer cultura.

Ao final do livro, no conto *Kriston Matchu*, o personagem que dá nome ao conto em determinado momento desabafa: “Não aguento, estou a morrer de medo e não devia. Ele ou eles foram bem claros. E nhu Estin que tanta vez repetiu: Nada de medo para não estragar a *mistida...*” (SEMEDO, 2000. p. 138). A língua, seja escrita ou oral, torna-se uma arma poderosa contra uma imposição cultural, como ocorreu no processo colonizatório, de imposições, adulterações e apagamentos que ainda hoje se refletem na vida, sociedade e cultura do povo africano, mas que não serão esquecidos totalmente, pois que haverá sempre essa tentativa de resgate por parte desses escritores que conhecem a riqueza do seu idioma raiz, e que jamais deixarão que se esqueçam dessa marca de poder que a língua representa.

6 MARCAS DE TRADICIONALIDADE

Segue alguns exemplos extraídos da obra de Odete Semedo:

“...a entidade régulo (*garandi*) é uma marca da tradicionalidade..” (p.34)

“...era tradição em Msurum as mulheres-grandes prepararem a sua *mortadja*. Esta era constituída de pequenos panos de bandas branco, saiotos brancos, cuecas, combinações, chambres, lenços, lencinhos e *panos de pente* pesado e *lanseado...*”(p.38)

“...o homem-grande disse que essas folhas chamam-se *padja di pedra*; dá-me a sensação de que aquilo é mesmo uma cabeça, com rosto e cabeços...”(p.75)

7 MARCAS DE ANCESTRALIDADE

Segue alguns exemplos extraídos da obra de Odete Semedo:

“...Todas as crianças de Msurum, tabanca do régulo Niala, sabiam que , quando as mães ou as tias vão a *kau di tchur*, ao de lá voltarem, não se deve ir ao encontro delas...”(p.35)

“... os defuntos daquela tabanca nada podiam fazer senão enviar uma mensagem ao régulo, pois Nantói não era do *djorson* deles...” (p.46)

“...como secar as folhas de *masiti*, *blungudjbá*, *tuk*, o bom resultado de um *suadur* de *badódós* a quem está atacado de febre e constipação e tudo o resto de que beneficia a nossa tabanca são coisas que o nosso tio Butokan não quis guardar só para si...” (p.87).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As marcas linguísticas e da oralidade do país estão fortemente presentes no romance. Quanto ao entendimento sobre o contexto de tradicionalidade e ancestralidade da cultura africana, que foi trazido neste trabalho, percebe-se que são contextos riquíssimos e cheios de possibilidades, desta forma, o apagamento dessas tradições ancestrais e culturais, seria uma fatalidade para qualquer povo.

O texto se reflete até aos dias atuais, mesmo com todo processo de esvaziamento que fora sofrido ao longo tempo em Guiné-Bissau e toda África, seja pelo processo de aculturação, isto é, a perda de diversas manifestações culturais, ou outras imposições. Porém, a resistência imposta por meio do fazer literário de escritores como Odete Semedo, reaviva na atualidade uma autêntica biblioteca cultural.

Conclui-se que por conta da colonização e pós-colonização, muito se foi perdido no que tange as raízes tradicionais Bissau-guineense, bem como da ancestralidade e marcas tradicionais da cultura africana. Sendo assim a busca por um viés de resgate dessa tradicionalidade/ancestralidade para muitos escritores é fator motivador para produzirem suas obras, e procuram trazer esses conceitos que fora por muito tempo sobrepujados por uma imposição de uma língua escrita, nesse caso a dos povos colonizadores advinda do sistema colonial que era vigente e que se apresentou como oficial, em detrimento das línguas que já existiam. Semedo busca uma produção literária pós-colonialista, a qual traz uma escrita que vai contra as ideologias impostas pelo sistema colonial, que durante muito tempo subvertera a ordem da vida e cultura das pessoas nesses locais.

Dessa forma, a questão que dera início ao questionamento para a realização desse TCC fora respondida, porém, esse é apenas o limiar de uma questão que engloba para além da linguagem, modos de ser e fazer, opções de vida, superação de imposições, visões de mundo,

dentre outros, de um continente que ainda tenta seposicionar de maneira contrária as várias negações que seu povo passou e que ainda trazem reminiscências, e que tem como representantes na literatura da atualidade, esses escritores, como Odete Semedo, que dentro desse arcabouço pós-colonialista, têm-se uma escrita que versa por nuances questionadoras acerca das relações travadas entre os dominados e os dominadores, em épocas diversas.

Como objetivo geral optou-se em verificar como se dá essa produção de escritas voltadas às raízes tradicionais e de ancestralidade da cultura africana, trazendo como base dos estudos, a escrita de Odete Semedo como exemplo, de uma realidade mais comum na Guiné-Bissau que busca resgatar a ancestralidade e a tradicionalidade em suas obras.

Quanto aos objetivos específicos pode-se perceber que se cumpriram no sentido de que há sim uma busca pela tradicionalidade/ancestralidade em toda obra, assim como um posicionamento político, que vai contra as formas de dominação impostas pela língua escrita do colonizador. A inclusão de marcas linguísticas de *kriol* e das línguas *bantu* é uma forma de resistência dialogando com panoramas futuros para um possível aprofundamento do tema aqui exposto.

Há uma pretensão futura de trazer um viés que acrescente ao referido tema, um embasamento mais amplo e que converse com Paulo Freire e sua metodologia de ensino, sobretudo no que se refere as relações étnico- raciais. Bem como pretende-se tecer um diálogo com alguns textos de Brian Street – professor emérito do King's College London e professor visitante da University of Pennsylvania, que dedica-se a pesquisas sobre letramento nas vertentes teórica e aplicada e tem realizado pesquisas também no Brasil, com foco nas perspectivas etnográficas e acadêmica do letramento.

Com estudo sobre o material produzido por esses teóricos, pode-se vislumbrar também um caminho para acrescentar e fortalecer a questão maior trazida nesse trabalho, sem obviamente, se perder o foco principal desta, que é como está sendo fomentada literariamente o resgate ao ancestral e ao tradicional dos povos africanos por meio da produção africana literária pós-colonialista, a qual traz uma escrita que vai contra as ideologias impostas pelo sistema colonial, que durante muito tempo subvertera a ordem da vida e cultura africana.

Portanto, recomenda-se a obra de Odete Semedo nas escolas brasileiras, para que seja objeto de estudo e aprofundamento de *Lei nº 10.639/2003*, porque nesse tipo de material, pode-se encontrar certas origens históricas e culturais que tem muita relação com o Brasil. Trazer a obra de Odete Semedo para sala de aula visa acrescentar culturalmente e tradicionalmente também para o conhecimento da ancestralidade do povo brasileiro. Assim é de suma importância estudar a literatura afro-brasileira e africana em todos os níveis de

ensino fundamental e médio, para que estes alunos redescubram que há um preconceito racial imposto, bem como passem a valorizar as questões de identidade sociocultural nos estudos da literatura afro-brasileira.

Referências

ANDRADE, Cardoso Domingos; TIMBANE, Alexandre António. A relação entre língua e cultura nas línguas do grupo shona. **EARE-CESMAC**. Jan./jun. vol.1, n.1, p.79-88, 2019.

AUGEL, Moema Parente. O crioulo guineense e a oratura. **SCRIPTA**, belo Horizonte, v.10, nº19, p.69-91, 2006.

COSTA LEITE, Joaquim Eduardo Bessa da. **A literatura guineense: contribuição para a identidade da nação**. 2014. 326p.(Tese).Universidade de Coimbra. Coimbra, 2014.

COUTO, Hildo Honório do. A poesia crioula Bissau-guineense. **Papia**, vol. 18, 2008, p. 83-100.

COUTO, Hildo Honório do; EMBALÓ, Filomena. Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau: Um país da CPLP. **Papia: Revista brasileira de estudos do contato linguístico**. Thesaurus editora, nº20, 2010.

DINIZ, Ana Maria Carneiro Almeida. **No fundo do canto: identidades bissau-guineenses em odete semedo**. 2021. 188p. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros-RN, 2021.

DOMENICI, Eloisa; RODRIGUES, Éder; MACHADO, Lara. Corpo, poética e ancestralidade. **Caderno do GIPECIT**. Salvador. Ano 23, n.42, 1-245, 2019]

DOMINGOS, Manuel da Silva; JOSE, Nsimba, Memória coletiva e construção de identidade linguística nas narrativas de Alfredo Troni e Uanhenga Xitu. **Revista Internacional em Língua Portuguesa**. nº32, p.121-144, 2017.

GOMES, Justino. Personagens e culturas guineenses: Kikia Matcho e A última tragédia, entre tradição e modernidade. **Revista África e Africanidades**, Ano XII, nº32, nov.2019.

HOUAISS. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IE, Ivo Aloide. Língua e Identidade Cultural: Um estudo Onomástico em Antroponímia do Grupo étnico papel da Guiné-Bissau. **Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras**. São Francisco do Conde (BA), v.1, nº 1, p.137-153, jan./jun. 2021.

INTIPE, Bernardo Alexandre. Papel di lingu(a) kriolna Guiné-Bissau. **Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras**. São Francisco do Conde (BA), v.1, nº 2, p.131-144, jul./dez.2021.

INTIPE, Bernardo Alexandre; TIMBANE, Alexandre António. O papel do crioulo nas narrativas guineenses: aspectos sócio-históricos. **Revista Coralina**. Cidade de Goiás, vol.1, n.2., p.36-50, jul.2019.

LEITE, Joaquim Eduardo B. da Costa. **Literatura guineense: contribuição para a identidade da nação**. Universidade de Coimbra, Coimbra, 2014.

NANQUE, Roclaudelo N'dafá de Paulo Silva. Literatura e tradição em Sonéa de Odete Semedo. **Revista Africa e Africanidades**. Ano XI, n.29, s.p., fev.2019. Disponível em: <<https://africaeaficanidades.online/documentos/0310022019.pdf>>. Acesso em: 10 jan.2022.

NUNES, Susana Dolores Machado. **A milenar arte da oratura angolana e moçambicana: aspectos estruturais e receptividade dos alunos portugueses ao conto africano**. Porto: CEAUP, 2009.

SANTANA, Suely Santos. Abdulai Sila no contexto das literaturas Bissau guineenses. *ContraCorrente: revista de estudos literários e da cultura*. n°7, 2015.2, p.158-177.

SARAIVA, Sueli. O luso, o trópico e o cão tihoso nas revelações literárias de Honwana. **Revista Internacional em Língua Portuguesa**. n.32, p.145-160.

SEMEDO, Odete Costa. *Sonéa, histórias e passadas que ouvi contar I*. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, 2020. 1.Bissau.

SEMEDO, Odete Costa. **As Mandjuandadi – cantigas de mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à literatura**. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2010.

SEMEDO, Odete Costa. **Contributo para o debate sobre o registo de textos da tradição oral**. n°3, p.72-75, Jun. 2005.

SEMEDO, Odete Costa. **Guiné-Bissau: história, culturas, sociedade e literatura**. Nandyala: Belo Horizonte, 2011.

SILVA, Gabriel Barth da. A Realidade Cantada: a canção enquanto complemento interdiscursivo para literatura africana de língua portuguesa. **Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras**. São Francisco do Conde (BA), vol.1, n° Especial, p.371-381, dez.2021.

TIMBANE, Alexandre António. A cultura moçambicana camuflada em “o fio das missangas” de mia couto. in: FARGETTI, Cristina Martins (Org.). **Léxico em pesquisa no Brasil**. Araraquara: Letraria, 2018. p.20-38.

TIMBANE, Alexandre António. Aprofundando diálogos entre a literatura e a oratura na escola moçambicana: desafios, debates e caminhos. in: DAMAZIO, Rosiane Marli Antônio; SILVA, Cristiani Bereta da (Org.). **O texto literário em sala de aula**. 1.ed. Rio de Janeiro: Eulim, 2017. p.108-139.

VIEIRA, Alice. Formação de leitores de literatura na escola brasileira: caminhadas e labirintos. **Cadernos de Pesquisa**, v. 38, n. 134, p.441-458, 2008.